

A Emergência da Gestão Estratégica das Cidades

Nas próximas décadas serão vários os desafios colocados às cidades, tais como fenómenos migratórios e de integração de diferentes culturas, problemas ambientais e de segurança, questões sociais como o emprego e a habitação, desafios económicos provocados pelo desenvolvimento da economia digital, empreendedorismo e inovação, ou a localização e deslocalização empresarial. Estarão também presentes as questões de planeamento urbano, regeneração urbana, gestão e preservação dos solos e dos recursos naturais. Estas questões vão despertar cada vez mais a atenção dos diversos investigadores e das ciências: gestão, estratégia, planeamento e marketing.

Como é referido na Declaração das Nações Unidas sobre as Cidades no Novo Milénio, (2001): *“Incentivemos o papel da economia e o progresso nas cidades, através das parcerias público/privado, num contexto globalizado, bem como o fortalecimento das pequenas e micro-empresas. As principais cidades e os pólos urbanos têm o potencial de maximizar os benefícios e de compensar as consequências negativas da globalização. As cidades quando bem geridas proporcionam um ambiente económico capaz de gerar oportunidades de emprego, bem como de oferecer um vasto leque de bens e serviços”*.

As cidades e as regiões de Portugal têm de se preparar para fazer face à permanente mudança e aos novos desafios da globalização, mobilizando-se na procura dos melhores caminhos de desenvolvimento e sustentabilidade. Por isso, são necessárias novas abordagens de gestão que possibilitem uma visão estratégica do desenvolvimento. A aplicação desta atitude baseada na gestão e planeamento estratégicos e com origem nas metodologias de gestão empresarial, aplicada às cidades, é considerada como muito vantajosa, porque permite:

- *“Oferecer uma visão global e inter-sectorial do sistema urbano a longo prazo;*
- *Identificar tendências e antecipar oportunidades;*
- *Formular objectivos prioritários e afectar os respectivos recursos;*
- *Estimular o diálogo e o debate interno;*
- *Gerar consenso e compromisso comunitário para a acção;*

- *Promover a coordenação entre as diferentes entidades;*
- *Fortalecer o tecido social e promover a sua mobilização” (Quinta, 2002, p. 3).*

As cidades que querem obter posições de liderança no futuro têm que saber pensar estrategicamente. Fazer a avaliação das oportunidades e ameaças da envolvente, dadas as forças e fraquezas, escolher, num contexto de turbulência permanente, quais os caminhos a percorrer (formulação estratégica), mas também como serão percorridos (implementação estratégica), sem ignorar os esforços desenvolvidos para obter o melhor desempenho (avaliação e controlo estratégicos) e talvez começar tudo de novo.

A gestão estratégica de uma cidade é aquela que promove a cooperação entre os actores da cidade, para definirem uma estratégia partilhada e sobretudo sinérgica da cidade, no sentido de impulsionar a realização dos principais projectos motores e estruturantes da cidade, procurando partilhar os critérios de actuação e o conhecimento sobre as principais oportunidades e desafios da cidade.

No novo contexto em que o desenvolvimento da cidade se coloca, a abordagem estratégica potencia e promove a ideia de plano ou projecto estratégico como projecto comum, indispensável para enquadrar e integrar a diversidade de interesses e de campos de acção necessários à criação de inovação e à afirmação da posição da cidade.

Neste sentido, o planeamento estratégico tem como objectivo a procura de soluções pragmáticas, tendo em consideração os recursos disponíveis, face aos resultados que se pretendem alcançar. O recurso à gestão e ao planeamento estratégico para fazer face à dinâmica e mudanças ao nível da envolvente, ao aumento do nível de concorrência, à evolução tecnológica e à competitividade dos mercados é cada vez mais relevante.

António Guilherme Almeida

Artigo Publicado na edição nº 13 do Jornal Planeamento e Cidades em Dezembro de 2008